

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © John Hughes-Wilson, 2016

Edição original publicada no Reino Unido em 2016 por Constable, uma chancela de Little,
Brown Book Group

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *On Intelligence*

Autor: John Hughes-Wilson

Tradução: Luís Corredoura

Revisão: Joaquim E. Oliveira e Carlos Jesus/Editorial Presença

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Duarte Lázaro/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º: 432 068/17

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2017

Índice

«Assim, a razão pela qual o príncipe iluminado e o sábio general vencem o inimigo sempre que se deslocam e as suas realizações superam as dos homens comuns é a presciência.»

Sun Tzu, *A Arte da Guerra*

INTRODUÇÃO	11
PARTE UM: Preparar o cenário	
1. Uma pequena história	19
PARTE DOIS	
2. Serviços de informação	63
PARTE TRÊS: Como funcionam os serviços de informação	
3. O ciclo da inteligência	73
4. Direção: «Qual é, exatamente, a sua exigência relativamente a informações, senhor ministro?»	76
5. Recolha	78
PARTE QUATRO: HUMINT e espões	
6. Dinheiro: o negócio invulgar da família Walker	92
7. Ideologia	100
Os famosos Cambridge Five	100
Quando a ideologia e o ego se misturam: Ana Montes	101
Aquele que escapou: Melita Norwood	106
8. Compromisso/coerção	110
John Vassall	110
Clinton e Pollard	112
Joe Cahill	118
9. Ego: Robert Hanssen	121
10. A mágoa: Penkovsky	132
11. HUMINT em ação: Werther e a batalha de Kursk	136
12. Interrogatório	140

13. Como a HUMINT soviética mudou o mundo	155
PARTE CINCO: A tecnologia assume o controlo	
14. SIGINT	159
15. O triunfo da SIGINT: Midway	169
16. Vigilância	182
17. «Inteligência» técnica	186
18. Reconhecimento fotográfico	191
19. Reconhecimento fotográfico em ação – a Crise dos Mísseis de Cuba	207
20. Satélites	212
PARTE SEIS: Informação dentro dos serviços secretos	
21. Comparação: Vietname e a Ofensiva do Tet	229
22. Interpretação: Yom Kippur	234
23. Informar o utilizador: Barbarossa e Estaline	261
24. Disseminação: Pearl Harbor	278
PARTE SETE: Segurança	
25. Aquele que passou pela rede: Aldrich Hazen Ames	310
26. O caso Avner Smit	326
27. O inadequado – Bradley Manning	331
28. A WikiLeaks e o aterrador Assange	337
29. Snowden, estado de segurança e vigilância	341
30. Segurança estratégica: insegura do topo à base – Singapura, 1941/1942	351
PARTE OITO: Logro	
31. O Dia D	381
PARTE NOVE: Terror	
32. Terrorismo	401
33. O islão e a guerra de terror	415
34. A maior das atrocidades – o 11 de setembro e o ataque ao World Trade Center	427
PARTE DEZ: Fracassos nos serviços de informação	
35. O raide a Son Tâý	453
36. Operação Eagle Claw	456
37. O dossiê incorreto de Blair – Iraque, 2003	459

PARTE ONZE: Novos horizontes – novos horrores?

38. Cíberguerra: quando é que uma guerra não é uma guerra? 471

PARTE DOZE: Um negócio perigoso

39. A guerra secreta pela ELINT 495
40. O navio USS *Pueblo* 497
41. O ataque ao navio USS *Liberty*: com amigos assim,
quem precisa de inimigos? 499
42. Desastre na Base de Operações Chapman 514

SERÁ QUE ISTO ALGUMA VEZ VAI FICAR MELHOR? 519

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA 523

GLOSSÁRIO 535

CAPÍTULO 1

Uma pequena história

«Se não conheces outros e se não te conheces a ti mesmo, vais estar em perigo em qualquer batalha.»

Sun Tzu, *A Arte da Guerra*

Desde a alvorada dos tempos que a obtenção de informações interessa. O conhecimento da localização do inimigo, das forças que possui e das suas intenções acaba por ajudar o mais obtuso e teimoso dos políticos ou dos generais.

Todo o grande comandante na História tem feito dos bons serviços de informação uma «força multiplicadora» ou um guia de como e quando deve atacar. Aos infortunados sem bons serviços de informação sucedem, por sua vez, a derrota, a morte e a desgraça.

Alguns chamam à espionagem «a segunda mais velha profissão». Peritos dizem, no entanto, que é a primeira, porque conhecer a localização do inimigo e a necessidade de autopreservação e de sobrevivência estão acima de todas as outras prioridades. Pergunte-se o mesmo a um pássaro que procura insetos num jardim repleto de gatos...

O que são serviços de informação? Há diversos significados diferentes para tal, mas ninguém deixa de os admirar e de os reconhecer quando são vistos.



A Bíblia tem algumas das primeiras evidências relativas à espionagem militar, em particular referências à famosa expedição que Moisés fez ao território do atual Estado de Israel. Na sua fuga do Egito pelas areias inóspitas do deserto do Sinai, as tribos errantes precisavam de assentar em locais com abundância de água, solo fértil e árvores frondosas. Os Hebreus sabiam exatamente para onde se virar em busca de assistência nas horas de necessidade, como consta do Antigo Testamento:

E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Envia homens para que espiem a terra de Canaã. [...] E Moisés mandou-os espiar a terra de Canaã e disse-lhes [...] e vede que terra é e o povo que a habita, se é forte ou fraco, se pouco ou muito. E qual é a terra em que habita, se em tendas ou em fortalezas [...].

Em linguagem moderna, Moisés transmitiu quais eram as suas «necessidades críticas de informação».

A Bíblia está repleta de contos de coragem militar, de batalhas, de engano e, acima de tudo, de recolha de informações. Isto acaba por não surpreender, já que muitos estudiosos modernos acreditam que Jeová, o deus escolhido pelos Hebreus, teria sido, originalmente, o deus da guerra do panteão israelita. Mais tarde, Josué, o sucessor de Moisés, enviaria dois espiões para obter informações sobre as defesas da cidade murada de Jericó. De acordo com a história bíblica, os dois agentes foram acolhidos por uma prostituta aliada chamada Raáb. Esta será a primeira, mas não a última, alusão à existência de uma estreita colaboração entre as duas «mais velhas profissões do mundo». Traídos por um informador, os agentes hebreus fugiram da cidade com a ajuda de Raáb, cuja vida e casa, graças aos seus serviços, seriam poupadas quando o bem informado exército hebraico tomou e saqueou Jericó. Este tornou-se num clássico exemplo de serviços de informação em ação.

Um outro exemplo contido no Antigo Testamento é a história de Dalila, o primeiro caso registado da chamada «armadilha sexual», ou aquilo a que o KGB chamava «andorinha». Os Filisteus consideraram-na a ferramenta ideal para apanhar o mais forte dos Israelitas, Sansão, tendo Dalila atraído o campeão judeu para a sua alcova. Aquele deixa então escapar o segredo da sua força – o cabelo – antes de cair num sono profundo, tal como sucede com muitos homens depois ou durante um encontro sexual. Despojado da sua força por um barbeiro e cegado pelos pouco gentis filisteus, Sansão definiu no cativo antes de derrubar as colunas – e o telhado – da sua prisão sobre os seus atormentadores, uma vez que o cabelo lhe voltara a crescer. Esta história acabaria por se tornar num exemplo do poder das mulheres e da fraqueza dos homens quando confrontados com uma sedutora e eficaz fonte de tentação.

Existe uma outra evidência, mais concreta, de serviços de informação em ação na Antiguidade. Numa parede do grande templo de Karnak, no Egito, está registada a história gráfica da triunfante campanha do faraó Tutmósis III contra a revolta da Síria, no ano 1488 a. C. A rápida reação do faraó para com a rebelião foi possível graças aos seus agentes secretos em Megido. Estes espiões

disfarçados deram conta, a norte, do crescimento do exército de Kadesh, pelo que prontamente correram para sul, para avisar a guarnição da fortaleza de Tjuru – atual cidade de Port Said, na entrada norte do canal de Suez – da tempestade que se avizinhava, meses antes de os rebeldes estarem preparados para se movimentar contra o novo e jovem faraó.

De acordo com o cronista grego Heródoto, quando Histieu, tirano de Mileto, foi à corte do rei Dario, os persas tomaram-no como um possível espião, enviado para apurar eventuais fraquezas do Império Persa. Posto em prisão domiciliária, viu as suas comunicações com a pátria cortadas. No entanto, Histieu pensou ter identificado o ponto fraco do poder persa no seu extenso império. Mas como transmitir tal facto aos seus compatriotas gregos, evitando o silêncio imposto pelos persas?

A solução de Histieu foi simples. Cortou o cabelo de um servo, tatuou a mensagem na cabeça rapada, deixando, depois, que aquele crescesse novamente. O criado foi então despachado para casa, tendo os homens de Dario permitido que ele passasse, desconhecendo que naquela cabeça iam escritas as palavras cruciais «Histieu manda-te incitar os Jónicos a levantar-se e revoltar-se contra Dario». O ardid funcionou. O humilde servo regressou à sua pátria, transportando a informação vital literalmente na cabeça. Segundo a lenda, o servo tatuado foi levado à presença do genro de Histieu, Aristágoras, tendo feito então um bizarro pedido: «O teu sogro Histieu ordena-te que me rapes a cabeça...»

Os gregos tomaram nota da mensagem e Aristágoras prontamente incitou os vassallos jónicos de Dario a insurgirem-se contra o seu impopular senhor. Além de tudo, esta história acentua a necessidade de utilização de comunicações secretas objetivas e curtas. Afinal, não há assim tanto espaço num escalpe humano...



O primeiro escritor conhecido a abordar a questão dos serviços de informação no mundo antigo foi, aparentemente, Sun Tzu, um soldado sério e um burocrata do governo que viveu e lutou na província do rio Amarelo de Wu entre os anos de 544 e 496 a. C. – muito antes da hegemonia de Roma.

Tal como muitos soldados profissionais anteriores e posteriores, Sun Tzu percebeu que a guerra era muito mais do que batalhas. Algures no fim da carreira, escreveu um texto que se tornaria num clássico, *A Arte da Guerra* (*Ping Fu*, no original), dando especial ênfase aos serviços de informação.